

VOZES DO
CARIRI

História oral e formação
de professores de
matemática no
interior do Ceará



◆ série educação matemática ◆

Coordenação

Celi Espasandin Lopes – Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Conselho Editorial

Arlete de Jesus Brito – Departamento de Educação, Unesp/Rio Claro

Dione Lucchesi de Carvalho – Faculdade de Educação, Unicamp

Rosana Giaretta Sguerra Miskulin – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Unesp/Rio Claro

Vinício de Macedo Santos – Faculdade de Educação, USP

ALEXSANDRO COELHO ALENCAR
ANTONIO VICENTE MARAFIOTI GARNICA

VOZES DO
CARIRI

História oral e formação
de professores de
matemática no
interior do Ceará

VOLUME 21

MERCADO[®]
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Alencar, Alexsandro Coelho

Vozes do Cariri : história oral e formação de professores de matemática no interior do Ceará /Alexsandro Coelho Alencar, Antonio Vicente Marafioti Garnica. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2023. – (Série Educação Matemática ; v. 21)

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-752-7

1. Educação - Brasil - História 2. Ensino - Metodologia
3. História oral 4. Matemática - Estudo e ensino 5. Professores de matemática - Formação profissional I. Garnica, Antonio Vicente Marafioti. II. Título. III. Série.

23-172100

CDD-510.7

Índices para catálogo sistemático:

1. Matemática : Estudo e ensino 510.7

capa e gerência editorial: Vanderlei Rotta Gomide
preparação originais: Leda Maria de Souza Freitas Farah
Vera Bonilha
revisão editorial: Editora Mercado de Letras
revisão final dos autores
bibliotecária: Eliane de Freitas Leite – CRB 8/8415

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 3

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

TRÊS VOLTAS AO REDOR DO PADRE CÍCERO: UM PREFÁCIO	7
<i>Filipe Santos Fernandes</i>	
DIÁLOGO SOBRE ABERTURAS	15
MONÓLOGO SOBRE FORMIGA COM ASAS	33
MONÓLOGO SOBRE O FATO DE NINGUÉM LEMBRAR QUE PISOU NUM BATENTE	77
MONÓLOGO SOBRE SAIR DA SALA DE AULA COM A ÁGUA PELO PESCOÇO	91
MONÓLOGO (SOBRE SER) MUITO EXATO, SEM ARRODEIOS	113
MONÓLOGO SOBRE COLOCAR AS PESSOAS NOS SEUS DEVIDOS LUGARES	125
MONÓLOGO SOBRE SE REBOLAR PARA ESTUDAR	151
MONÓLOGO SOBRE CONVITES PARA QUEM TEM AQUELE DIFERENCIAL	163

MONÓLOGO SOBRE O MEDO DE VIVER UM EXÍLIO	171
MONÓLOGO SOBRE VER AS ROSAS QUE A GENTE AJUDOU A FORMAR.	191
MONÓLOGO SOBRE MILAGRES.	205
MONÓLOGO SOBRE TER AMIGOS.	223
MONÓLOGO SOBRE NUNCA DEIXAR A EDUCAÇÃO.	235
MONÓLOGO SOBRE SER LOUCO PELO ASSARÉ	247
DIÁLOGO SOBRE UM PERCURSO TEÓRICO E METODOLÓGICO.	263
MONÓLOGO SOBRE UM PERCURSO METODOLÓGICO	297
DIÁLOGO SOBRE COLOCAR AS COISAS NOS SEUS DEVIDOS LUGARES.	329
DIÁLOGO SOBRE MILAGRES.	381
DIÁLOGO SOBRE CONVITES PARA QUEM TEM AQUELE DIFERENCIAL.	443
MONÓLOGO SOBRE FECHAMENTO	473
REFERÊNCIAS	481

TRÊS VOLTAS AO REDOR DO PADRE CÍCERO: UM PREFÁCIO

*No coração do nordeste
Num abençoado lugar
Fenômenos se sucederam
Foram coisas de espantar
A mão de Deus se moveu
No sertão do Ceará*

[...]

*Muitos fatos milagrosos
Se gravaram na lembrança
Gente de todo lugar
Que buscou com esperança
Ao fazer justa promessa
Logo sua graça alcança.*

(Cordel de Padre Cicho)

Contam que um dos rituais mais famosos das visitas religiosas à cidade de Juazeiro do Norte, no estado do Ceará, consiste em dar três voltas ao redor da bengala de uma majestosa

estátua de Padre Cícero que, situada no alto de uma colina, se tornou ponto de peregrinação para muitos fiéis. Além da nítida demonstração de fé e devoção, os visitantes podem, ao final de cada uma dessas voltas, fazer um pedido. Ficam acertadas no percurso, então, três promessas, três direções de um caminho por vir...

De modo semelhante a esse ritual surge este livro, no qual os autores nos levam a uma peregrinação pelo Cariri cearense, região de fascinantes histórias religiosas e políticas de nosso país. Na intenção de contar histórias da formação de professores de Matemática, a obra percorre paisagens que não estão registradas na historiografia da educação brasileira e que são ornamentadas pelos ineditismos conceitual e estético que emergem de um trabalho derivado de um belo doutorado. Por devoção e fé aos autores, que muito admiro, fiz do texto minha majestosa imagem e resolvi contorná-lo na esperança de três desejos que, somados, se fazem *prefácio*.

A primeira volta nesta obra me abre para o *desejo de pesquisar*. O cuidado teórico-metodológico não assume apenas a posição de conjugar conceitos e procedimentos usuais ao campo que se situa o trabalho – *a história da formação de professores de matemática* –, mas tem como objetivo principal compartilhar com o interlocutor algumas vivências do pesquisar nesse campo, na intenção de que elas possam dizer diferente do que diz um texto teórico-metodológico pautado em usualidades, abrindo-se, como revisitação ou criação, a outros conceitos e procedimentos.

Essa intenção poderá ser notada pelo leitor em diferentes atitudes dos autores e, para evitar antecipações, tratarei apenas do *rigor*. Nesta obra, o rigor – que não tem a ver com a capacidade de se manter fiel a um método durante o desenvolvimento de uma pesquisa, seguindo rigorosamente regras e procedimentos – é evidenciado pela capacidade de sustentar uma questão e percorrer

suas diferentes dimensões, articulando elementos aparentemente destoantes. Ao perguntarem sobre a formação de professores de Matemática, somos levados a revisitar as bases das histórias estabelecidas, usualmente ligadas a aspectos institucionais dessa formação (como cursos universitários, seus sujeitos, diretrizes e estruturas; programas governamentais de capacitação ou certificação etc.) e a reconhecer a intensa participação de outros elementos (como o território e seus deslocamentos possíveis, a religião, os interesses políticos etc.) na configuração desses processos formativos.

Além desse rigor teórico e conceitual, há também um rigor metodológico. A obra coloca-se a pensar as acusações acadêmicas usuais enfrentadas por aqueles que se dedicam à História Oral em Educação Matemática. Somos constantemente acusados de que o trabalho com memórias, por dissolver a categoria temporal passado/presente/futuro, é pouco potente para estabelecer uma ordem cronológica dos eventos ou, como muitas vezes se busca fazer, uma periodização do processo histórico investigado. Inclusive é comum associar o “fazer história” com o estabelecimento de uma cronologia ou periodização, o que caracteriza, segundo essa visão, nossos trabalhos como “memorialísticos” e, portanto, “não historiográficos”.

Em meio às memórias de seus colaboradores, emergem na obra ideários e discursos que, nos períodos investigados, posteriores à década de 1970, constituem as práticas direcionadas à preparação, à qualificação ou à legitimação ao magistério. Essas práticas, assumidas em suas descontinuidades e rupturas, não permitem trabalhar com categorias historiográficas que definem períodos nos quais um conjunto de intenções e ações podem ser estabelecidas em suas similaridades. Aqui, a dispersão e as contingências temporais são marcas para se contar uma história, sendo o fazer historiográfico pautado naquilo que acontece de

modo eventual, incidental ou fragmentado, podendo ter ocorrido de outra forma ou não se ter efetivado, sempre em provisoriedade. Penso que o livro desloca a ideia de que a formação de professores de matemática se dá a partir do binômio causa-finalidade para uma formação de professores sob o par acaso-necessidade, o que incita novos desejos nos modos de pensar e registrar esses processos formativos em uma perspectiva historiográfica.

A segunda volta em torno da obra me permitiu o *desejo da formação de professores*. Em um país tão diverso e desigual como o nosso, pesquisar a formação de professores não é uma tarefa para descuidados, já que as abordagens e as compreensões sobre o tema não encontrarão – ainda que diversos pesquisadores e grupos de pesquisa tenham se dedicado a isso – processos históricos que se constituíram igualmente, ou de modo muito semelhante, nos diferentes territórios brasileiros. Nossas instituições e programas de formação se produzem no turbilhão de questões de diferentes ordens, carregando os benefícios e as mazelas do espaço e do tempo em que atuam. Apenas artificialmente seria possível ignorar as disparidades territoriais, culturais, sociais, políticas, e também ambientais, raciais, geracionais e de gênero e sexualidade, que marcam a educação brasileira e sua intenção de formar professores.

É na exposição dessas disparidades que se situa este livro. Os autores ressaltam as particularidades que confrontam, no passado e na atualidade, processos dedicados à formação de professores, construindo olhares que irrompem tradições em suas concepções e práticas. Somos levados, por exemplo, a reconhecer a importância dos acordos e dos interesses políticos de uma microrregião que pretendia se estabelecer econômica e culturalmente em um cenário regional mais amplo, para a configuração dos programas e das instituições de formação; igualmente, e dadas as desiguais condições de acesso a esses

programas e instituições, vemos processos de formação intensamente vinculados à expansão de escolas religiosas, o que torna esses espaços marcantes cenários para pensar os processos formativos de professores de Matemática; além disso, para a maioria dos colaboradores, a formação institucionalizada só acontece após anos de atuação profissional e, quase sempre, foi procurada apenas por necessidades legais ou para ascensão na carreira docente. As histórias de formação se constituem, então, em idas e vindas, sem períodos marcados e profundamente imersas em acasos e necessidades.

Como o leitor perceberá, a própria ideia de *formação* é, em vários momentos, fortemente flexibilizada, abandonando marcos estáticos, normativos e academicistas – na maior parte das vezes atrelados às dicotomias teoria-prática ou formação-atuação – e adotando um debate de fundo político que destaca as especificidades de uma formação marcada pelas disparidades nacionais. Trata-se de um olhar para a história da formação de professores, condizente com as marcas de nossa profissão – como o descaso, a transitoriedade, a oportunidade ou a urgência –, sem perder de vista o direito a condições justas e democráticas de trabalho.

A terceira e última volta me fez desejar a *estética*. Estamos diante de uma obra em que os modos de expressão acadêmicos tradicionais são tensionados, permitindo uma criação que encarna as vozes de um (no caso dos pesquisadores) ou de muitos (no caso dos colaboradores) sujeitos. Os *monólogos* e os *diálogos* propõem uma direção de escrita e de leitura que diz da pesquisa de diferentes modos, seja em aspectos conceituais e procedimentais, como afirmando discussões sobre história, historiografia e História Oral, ou no diálogo entre as diferentes vozes que compõem o texto, particularmente as memórias de seus colaboradores e os discursos já estabelecidos no meio

acadêmico. Além disso, a opção por mobilizar outras tecnologias disponíveis para conjugar a estética ao princípio de construção de fontes históricas, derivado da metodologia da História Oral, pareceu-me inovadora, mostrando como novas formas de expressão exigem uma avaliação das regulações que normatizam nossos procedimentos de pesquisa.

Outro crédito nesse aspecto estético é o cuidado na construção das textualizações. Os que conhecem o sotaque peculiar e original cearense, sempre revestido de Nordeste, poderão mergulhar em narrativas comprometidas com a valorização dessa linguagem, seus ritmos e trejeitos. Longe de usar o “cearensês” para reforçar preconceitos linguísticos e reconhecendo suas variações regionais, recomendo a leitura das textualizações com a sonoridade e a entonação dessa linguagem, como o emprego da letra *r* apagada no final ou o uso do *r* onde seria um *v* ou *f*. Uma brincadeira, é claro, mas um interessante exercício em que o leitor perceberá que as identidades e as histórias passam, também, pela linguagem.

Em uma entrevista ao jornal *Diário do Nordeste*, o comediante LC Galletto descreveu o “cearensês” como “preguiçoso não no ritmo, mas quanto aos cuidados com normas. E as gírias completam toda essa marmota”. Com essa fala, evidentemente, o também jornalista e redator de humor buscou destacar a marca leve e descontraída da linguagem praticada no Ceará, povo que, segundo ele, por já ter a “molecagem” no sangue, é mais difícil fazer rir. Contudo, ao nos debruçarmos sobre as narrativas presentes neste livro, podemos perceber que tal “molecagem” só é marca na oralidade: na ação, no cenário nacional da pesquisa em Matemática e da formação de professores de Matemática, o Ceará sempre foi um território inovador, uma vanguarda no Nordeste e um estado de forte expressão em nosso país. O engajamento dos colaboradores no

avanço educacional da região do Cariri cearense mostra-nos um comprometimento político para a superação das desigualdades que assolam as regionalidades brasileiras situadas à margem dos grandes centros.

Podemos dizer, então, que a estética desta obra materializa processos de subjetivação; formas como determinados sujeitos, em determinados espaços e tempos, podem ocupar posições subjetivas, atribuindo-se identidades mais ou menos móveis e, com elas, transitar, participando como agentes e como produtos de um conjunto de práticas sociais. No caso, as práticas sociais estão vinculadas à tarefa de ensinar Matemática, sendo os espaços e tempos da formação distantes daqueles que perfazem nossas memórias coletivas. Como destacam os autores, há ainda uma série infindável de outras forças que compõem esses processos formativos, ramificações que atuam sobre corpos e que são ao mesmo tempo individuais e coletivas. Professores que se definem por seus nomes próprios, mas também pelas posições sociais que ocupam e pelas trajetórias que desenham ao longo de suas vidas.

Por fim, posso dizer que a reunião de dois grandes nomes da Educação Matemática brasileira, a quem conservo admiração e carinho, permitem colocar esta obra em um especial patamar na literatura sobre a história da Educação Matemática no Brasil. As trajetórias distintas desses pesquisadores encontram-se no compromisso de interpelar o que se denomina *história da formação de professores de matemática*, abrindo-nos a desejos impensáveis. Tendo confiança em minha promessa e assumindo as atitudes necessárias, construo com a obra um caminho para seguir...

Filipe Santos Fernandes
Universidade Federal de Minas Gerais